



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada', de Almeida Faria]

Marcello Duarte Mathias

Para citar este documento / To cite this document:

Marcello Duarte Mathias, "[Recensão crítica a 'O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada', de Almeida Faria]", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 245-247.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Almeida Faria  
O MURMÚRIO DO MUNDO  
A ÍNDIA REVISITADA

Lisboa, Tinta da China / 2012

Inesgotável e inumerável, assim se nos apresenta a Índia — tantos os mundos e as almas, os mitos e as fábulas, os ritos e os ritmos, as gentes e as divindades! Sim, imensidão talvez seja a palavra que melhor a define. Imensidão de memórias sobrepostas e de mortes sucessivas sempre adiadas — «a Índia é um cemitério de civilizações», escreveu Ferreira de Castro quando por lá andou na sua *Volta ao Mundo*. Assim é, na verdade. E essa é a singularidade do seu legado. Porque tudo é sempre vislumbre de outra coisa, eco de outro eco, ruína de outra ruína. Daí o título feliz deste último livro de Almeida Faria, *O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada*, que nasce de uma ida à Índia, realizada em 2006, sob a égide do Centro Nacional de Cultura, com paragens em Mumbai, Goa e Cochim, parcelas da antiga Índia portuguesa.

Como a crítica já tem assinalado, estas páginas não se circunscrevem, longe disso, à mera crónica de uma viagem de estudo ou de turismo. Bem pelo contrário. Em mais de um ponto, trata-se de uma pessoalíssima digressão pela mitologia do hinduísmo e o fascínio de toda essa dimensão, sucessiva e simultânea, passada e presente. Inventário em forma de ensinamento — ou não estaríamos nós na Índia! —, este livro é um olhar que observa, se faz testemunha e se abre ao mundo circundante, por ele se deixando absorver. E fá-lo despido de preconceitos, antes movido por uma generosa curiosidade: «aqui a realidade é tanto mais provável quanto mais inverosímil» (p. 29). Saber olhar é próprio de um escritor.

E porque tudo se transfigura e nada se altera, noutro passo dirá: «E contudo algo ali me fez escutar um ciciar de vozes de outrora, vozes de mortos e mortos, vindas talvez do mar a dois passos, vozes de mitos e medos, nossas e alheias, vozes cujos ecos se demoram um momento antes que as águas incansáveis do lago as cubram e diluam sob o seu manto de espesso esquecimento» (p. 107).

Não será por acaso que o texto é entremeadado de pequenos relatos e comentários dos mais variados autores, portugueses e estrangeiros, como forma de o enriquecer e de nos levar ao conhecimento de outros ângulos de visão de diferentes épocas e gentes. «Viagem-diário com dois textos», no dizer de Eduardo Lourenço, que prefacia a obra. Arquivo vivo, confronto que é uma soma híbrida de olhares cruzados, verdades distintas de uma mesma verdade, estas achegas compõem por si só, e em paralelo, um outro livro dentro do mesmo livro. Referências de leitura, leituras justapostas, que resumem outras tantas formas, não raro coincidentes de descoberta e narração.

Dito isto, e sem pôr em causa a justeza das citações, interrogo-me se a configuração do texto, assim construído, não acaba por afetar o próprio ritmo da prosa de Almeida Faria: interrompe-o, e, ao fazê-lo, quebra a limpidez do seu modo narrativo. Porque esta escrita minuciosa, cirúrgica quase, de tão exata, a que não é alheia a emoção, é a melhor lembrança que dela nos ficará.

Almeida Faria revela aqui no apurado classicismo da linguagem (que, entre nós, se vai tornando raro) uma maturidade de expressão que traduz por igual uma reflexão sobre a palavra e o processo criativo que lhe é inerente. Capacidade descritiva que nos leva a reler certas passagens, tais como o passeio de barco pelas *backwaters* em Kerala, ou ainda, noutro ponto, aquela

breve alusão a Veneza, recordada de noite, anos atrás, «e tive a sensação de reconhecer o desconhecido, de já ter ali estado» (p. 21). É esta uma velha verdade: a Índia é sempre mais do que a Índia, porque é ao mesmo tempo exílio e chamamento.

Sem ressentimentos ou nostalgias, é contudo um espírito profundamente português, rico de inúmeras sabedorias, aquele que aqui se deixa seduzir pelo mundo que vê, pressente e adivinha.

Mas é, por igual, um olhar reconciliado consigo mesmo que está presente em tantas destas páginas. Como se a harmonização dos contrários, eminente virtude da espiritualidade hindu, também ela afinal se refletisse nessa íntima aproximação do autor consigo, já que o tempo naquelas paragens não conhece demarcação nem fronteiras, é um todo contínuo onde tudo se funde numa permanente osmose. Não constitui tão-pouco interrogação ou utopia, é simplesmente uma prática de vida que intriga mais do que seduz. E, talvez por isso mesmo, bem mais do que um livro de passagem ou de evocações, estas páginas constituem um caminho e um diálogo. Caminho feito de várias vozes em simultâneo que o acompanham à distância; diálogo que é também cumplicidade com as muitas memórias do autor, explícitas umas, subjacentes as outras. À depuração com que tudo aqui é dito e observado se junta um pendor reflexivo, aberto às manifestações do invisível, tão propícias ao entendimento da Índia, que a cada passo nos exige uma renovada atenção.

Embora aparentemente estática, a Índia — verdade de mil faces ou evasiva verdade? — está sempre a ressuscitar, sempre a reescrever-se, à maneira de uma maré de águas mortas.

Em determinada altura, Almeida Faria, narrador-protagonista, dirá: «reparo melhor em cada ser, em cada som ou cheiro, sem saber se fico mais consciente

de mim mesmo ou se o espírito do lugar toma conta de mim e me dissolvo nele» (p. 20). Claridade feita de sombras e luzes, primeiro sinal de que o mundo fictício que em nós vive é outra expressão do nosso mundo real. Aliás, o conhecimento da Índia é um permanente incitamento ao exercício autobiográfico.

Não há dúvida: por força do contraste civilizacional e sobretudo moral que provoca, a Índia é um permanente convite ao conhecimento de nós próprios, à instante revisão das nossas emoções e prioridades, mormente se aquele que a percorre for um europeu, herdeiro de outra sensibilidade religiosa. Sim, em todo o estrangeiro que a visita, ou mesmo naqueles que nela se habituaram a viver, o sentimento que prevalece é o de um mistério sempre preservado que se desdobra à maneira de um enigma e nunca se elucida por inteiro.

Na Índia, nunca se chega ao fim do percurso, regressa-se sempre ao ponto de partida para daí escolher outro lugar. Porque estar na Índia, é sentir-se intruso, saber-se intruso. Distância intransponível que não resulta apenas do confronto imediato que a cada passo se nos depara frente ao exótico ou o insólito, mas emerge da dimensão indissociável da noção de tempo e de morte que lhe é peculiar. Viagem cíclica que se nutre de sucessivos renascimentos, demorada viagem em câmara lenta que é já saudade antecipada de um futuro ignorado. Não é um tempo suspenso este, é um tempo portador de uma outra verdade.

Nesta perspetiva, é feita aqui menção a dois livros que merecem leitura, a saber, *Esperimento con l'India*, do jornalista italiano Giorgio Manganelli, que a visitou em 1975, e o belíssimo *Vislumbres de la India*, do mexicano Octavio Paz, que lá exerceu funções de embaixador de 1962 a 1968. A despeito de ambos retratarem o conjunto multifacetado da vastíssima variedade cultural indiana em toda a sua integralidade,

são itinerários que pertencem a idêntica família literária — deambulações com o seu quê de tabucchiano —, e nela se inclui por igual *O Murmúrio do Mundo*. Porque um depoimento destes oferece acima de tudo uma determinada tonalidade e é esta que lhe confere a sua coerência interna, integrando do mesmo passo a dimensão estética tão cara ao autor.

Para além do mais, este livro é também — ou não será sobretudo isso? — a lembrança, embora lúcida, de uma certa memória portuguesa, glórias, gentes e nomes, de que todos nós somos gratos herdeiros, já que, em boa verdade, a grandeza de Portugal se situa fora dele: está nas capelas e igrejas de Ouro Preto, no Brasil, ou — milagre repetido da mesma devoção — nas abandonadas paisagens cristãs da velha Goa.

Se «toda a viagem é viagem à Índia», como nos adverte Eduardo Lourenço, então este mundo aqui visitado nasce de uma dupla peregrinação: à volta da nossa História, é certo, suas fulgurâncias e intuições e, de igual modo, em redor daquele que a rememora e se escreve ao descrevê-la. Vozes que se interpelam, se interpõem e se aproximam uma da outra, à maneira de vasos comunicantes. Vozes que provêm de um mesmo longínquo apelo.

Em tudo e por tudo, este *Murmúrio do Mundo*, que tanto tem de onírico como de real, talvez abra a partir de agora um novo ciclo na obra de Almeida Faria. É bem possível. Só ele, contudo, no-lo poderá dizer.

Refira-se, ainda, que o livro é enriquecido por numerosos desenhos de Bárbara Assis Pacheco. O traço é ao mesmo tempo fluido e exato, e as cores revestem-se de uma enternecida suavidade. Também elas, afinal, se deixaram cativar pela linguagem indiana...

Marcello Duarte Mathias

## Helena Vasconcelos HUMILHAÇÃO E GLÓRIA

Lisboa, Quetzal / 2012

Caminhos trilhados pelas mulheres — em terreno social, literário, artístico, científico —, contra a humilhação, a anulação de capacidades e potencialidades, até ao reconhecimento destas nas sociedades ocidentais. Provas de obstáculos: avanços, recuos, choques, quedas, recomeços. Acção e reflexão em oito capítulos (misoginia incluída), plano nacional e internacional combinados, numa obra bem-vinda, até porque escasseiam, em Portugal, recentes estudos não académicos sobre mulheres.

Apesar de estrutura algo errática, algumas lacunas surpreendentes e até um ou outro erro factual, a obra chega a deixar-se empolgar pelos «bens conquistados e consignados», sem esquecer que «ainda existem situações muito dramáticas e perversas», «muitas mulheres a quem é negada a voz e o poder [...], ansiosas, empobrecidas, abusadas, humilhadas» (p. 317-8). Sem perder lucidez, pois: «tudo o que se conquista não pode ser considerado como certo e perene e, a qualquer momento, forças poderosas — conservadoras, retrógradas — podem fazer reverter esta gloriosa e feliz tendência que dá às mulheres as mesmas hipóteses de escolha que, durante milénios, foram prerrogativa quase exclusiva dos homens» (p. 13). Alerta pertinente em tempo de crescendo ideológico naturalista e maternalista, com repercussões culpabilizantes da mãe enquanto profissional, seduzindo-a para a clausura doméstica, risco de ruína em patamares de emancipação.

Sem almejar a sistematização e profundidade duma tese, a autora de *Humilhação e Glória* propõe-se «fazer renascer das cinzas do esquecimento mulheres que [...] ‘sairam dos eixos’ e, mesmo em condições adversas, levaram avante os seus propósitos, contrariando audaciosamente os costumes